



Cândido Portinari, *Enterro*, 1940

Foto: Diego Bresani

ARTE SUBDESENVOLVIDA

O Brasil do século XX no CCBB Rio de Janeiro

Mais de 130 obras assinadas por grandes nomes da arte contemporânea entre 1930 e 1980 fazem parte da mostra Arte Subdesenvolvida, em cartaz no CCBB Rio de Janeiro. Abdias Nascimento, Anna Bella Geiger, Anna Maria Maiolino, Cândido Portinari, Cildo Meireles, Glauber Rocha, Lygia Clark, Hélio Oiticica, Randolpho Lamonier e Solano Trindade são alguns dos artistas integrantes da exposição que já esteve em SP e MG

A partir dos anos 1930, mais precisamente após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), países econômica e socialmente vulneráveis passaram a ser denominados “subdesenvolvidos”. No Brasil, artistas se posicionaram e reagiram ao conceito, combatendo o termo. Parte do que eles produziram nessa época está na mostra *Arte Subdesenvolvida*, que ficará em cartaz até 5 de maio de 2025, no Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro. Com a curadoria de Moacir dos Anjos e produção da Tuíã Arte Produção, a exposição tem entrada gratuita, mediante retirada de ingresso na bilheteria ou pelo site do CCBB.

O conceito de subdesenvolvimento foi corrente por cinco décadas até ser substituído por outras expressões, dentre elas, países emergentes ou em desenvolvimento. “Por isso o recorte da exposição é de 1930 ao início dos anos 1980, quando houve a transição de nomenclatura no debate público sobre o tema, como se fosse algo natural passar do estado do subdesenvolvimento para a condição de desenvolvido”, reflete o curador Moacir dos Anjos. “Em algum momento, perdeu-se a consciência de que ainda vivemos numa condição subdesenvolvida”, complementa.



Cândido Portinari, *Menina ajoelhada*, 1945 Foto: Paulo Darzé Galeria

A mostra, com patrocínio do Banco do Brasil e BB Asset, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura, apresenta pinturas, livros, discos, esculturas,



Anna Maria Maiolino, *Monumento à fome*, 1979-2012

Foto: Coleção da artista

cartazes de cinema e teatro, áudios, vídeos, além de um enorme conjunto de documentos. São peças de coleções particulares, dentre elas, dois trabalhos de Candido Portinari. Há também obras de Paulo Bruscky e Daniel Santiago cedidas pelo Museu de Arte do Rio – MAR.

Após a temporada carioca, a exposição segue para o CCBB Brasília, ainda em 2025.

PRINCIPAIS DESTAQUES

Duas obras de Cândido Portinari, *Enterro* (1940) e *Menina Ajoelhada* (1945), fazem parte do acervo da exposição. Em muitas pinturas do artista figuram o desespero, a morte ou a fuga de um território marcado pela falta de quase tudo.

Monumento à Fome, produzida pela vencedora da Bienal de Veneza, a ítalo-brasileira Anna Maria Maiolino, é outra obra que se destaca. Ela é composta por dois sacos cheios com arroz e feijão, alimentos típicos de qualquer região do Brasil, envoltos por um laço preto. Esse laço é símbolo do luto, como aponta a artista. O público também terá acesso a uma série de fotografias da artista intitulada *Aos Poucos*.



Randolpho Lamonier, *Sonhos de Refrigerador – Aleluia Século 2000*

Foto: Divulgação (CCBB BH)

Outro ponto alto da exposição é a obra *Sonhos de Refrigerador – Aleluia Século 2000*, de Randolpho Lamonier, na rotunda do CCBB. Assim como ocorreu em SP e BH, lúdica e viva, a instalação multimídia realiza também um inventário de sonhos de consumo dos cariocas, com áudios e manuscritos das próprias pessoas entrevistadas, objetos e peças têxteis. Como explica o curador, “faz uma reflexão, a partir de hoje, sobre questões colocadas pelos artistas de outras décadas”.

“A materialização dos sonhos tem diversas formas de representação, que inclui um grande volume de obras têxteis, desenhos e anotações feitos pelas próprias pessoas entrevistadas, objetos da cultura vernacular e elementos que remetem à linguagem publicitária”, ressalta o artista. “Entre os elementos que compõem a obra, posso listar, além dos têxteis, neons de LED, letreiros digitais, infláveis, banners e faixas manuscritas, até conteúdos sonoros com relatos detalhados de alguns sonhos”, completa Lamonier.

Ao todo, mais de 40 artistas e outras personalidades brasileiras têm obras expostas na mostra, entre eles: Abdias Nascimento, Abelardo da Hora, Anna Bella Geiger, Anna Maria Maiolino, Artur Barrio, Cândido



Abdias Nascimento, *Meia-noite de Exu* Foto: Diego Bresani

Portinari, Carlos Lyra, Carlos Vergara, Carolina Maria de Jesus, Cildo Meireles, Daniel Santiago, Dyonélio Machado, Eduardo Coutinho, Ferreira Gullar, Graciliano Ramos, Henfil, João Cabral de Melo Neto, Jorge Amado, José Corbiniano Lins, Josué de Castro, Letícia Parente, Lula Cardoso Ayres, Lygia Clark, Paulo Bruscky, Rachel de Queiroz, Rachel Trindade, Solano Trindade, Regina Vater, Rogério Duarte, Rubens Gerchman, Unhandeijara Lisboa, Wellington Virgolino e Wilton Souza.

Ao longo do período da exposição serão realizadas atividades educativas integradas, como a palestra *“Arte e subdesenvolvimento no Brasil”* com o curador e pesquisador Moacir dos Anjos. O evento discutirá os modos como a arte brasileira reagiu à condição de subdesenvolvimento no país entre as décadas de 1930 e início da de 1980. E como ela incorporou, temática e formalmente, os paradoxos dessa condição. Discussão que importa para entender a recente virada política na arte brasileira contemporânea. A palestra conta com tradução simultânea em LIBRAS.

O SUBDESENVOLVIMENTO EM DÉCADAS

A exposição, dividida por décadas, tem quatro eixos. O primeiro, *“Tem Gente com Fome”*, apresenta as discussões iniciais em torno do conceito de subdesenvolvimento. *“São de 1930 e 1940 os artistas e escritores que*



Abelardo da Hora, *Meninos do Reife* Foto: Diego Bresani

começam a colocar essa questão em pauta”, explica Moacir dos Anjos.

No segundo eixo, *“Trabalho e Luta”*, encontra-se uma série de obras de artistas do Recife, Porto Alegre, entre outras regiões do Brasil, onde começaram a proliferar as greves e as lutas por direitos e melhores condições de trabalho.

Já o terceiro bloco se divide em dois. Em *“Mundo e Movimento”*, o curador registra que *“a política, a cultura e a arte se misturam de forma radical”*. Nessa seção há documentos do Movimento Cultura Popular (MCP), de Recife, e do Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE), no Rio de Janeiro. Na segunda parte, *“Estética da Fome”*, a pobreza é tema central nas produções artísticas, em filmes de Glauber Rocha, obras de Hélio Oiticica e peças de teatro do grupo Opinião. *“Nessa época houve muita*



Anna Bella Geiger, *E as vísceras mergulharam num profundo mar azul*, 1967

Foto: Divulgação

inventividade que acabou sendo tolhida depois da década de 1960”, completa Moacir.

O último eixo da mostra, **“O Brasil é Meu Abismo”**, traz obras do período da ditadura militar e artistas que refletiram suas angústias e incertezas com relação ao futuro. *“São trabalhos mais sombrios e que descrevem os paradoxos que existiam no Brasil daquele momento, como no texto O Brasil é Meu Abismo, de Jomard Muniz de Britto”,* finaliza o curador.

SOBRE O CURADOR

Graduado em Economia pela Universidade Federal de Pernambuco, mestre em Economia pela Unicamp e



Antônio Dias, *La mort de Black Hawk*, 1967

Foto: Divulgação

doutor em Economia pela University of London, com Pós-Doutorado em Arte Transnacional, identidade e Nação na Camberwell College of Arts em Londres. Pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco desde 1990. Foi curador da 29ª Bienal de São Paulo em 2010. Diretor geral do MAMAM, em Recife entre 2001 e 2006. Curador da ARCO 2008. Dentre as exposições de que participou como curador se destacam: *“Hélio Oiticica – Delirium Ambulatorium”* (2023/2024), no CCBB Brasília e Belo Horizonte; *“Vestidas de Branco”*, de Nelson Leirner (2008), Museu Vale, ES; *“Babel – Cildo Meireles”* (2006), na Estação Pinacoteca, em São Paulo; *Contraditório. Panorama da Arte Brasileira* (2007), no Museu de Arte Moderna de São Paulo; *Zona Franca*, na Bienal

do Mercosul (2007), em Porto Alegre; *Marcas – Efrain Almeida* (2007). Conselheiro da Fundação Iberê Caramo, integra o Comitê Assessor da Cisneros Fontanals Arts Foundation desde 2006.

SERVIÇO

Arte Subdesenvolvida

Até 5 de maio

*Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro
Rotunda e 1º andar*

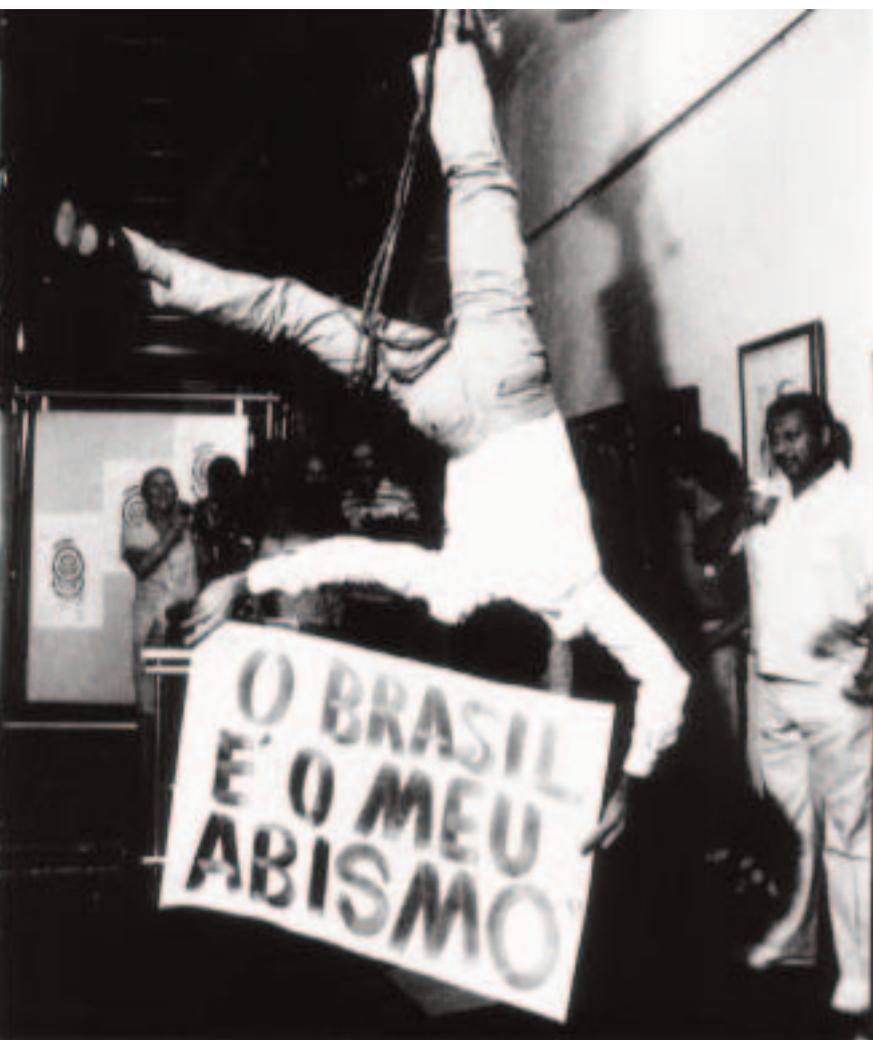
Rua Primeiro de Março, 66, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: aberto todos os dias, das 9h às 20h, exceto às terças-feiras. No dia 1º de março, aberto das 8h às 20h.

Entrada gratuita

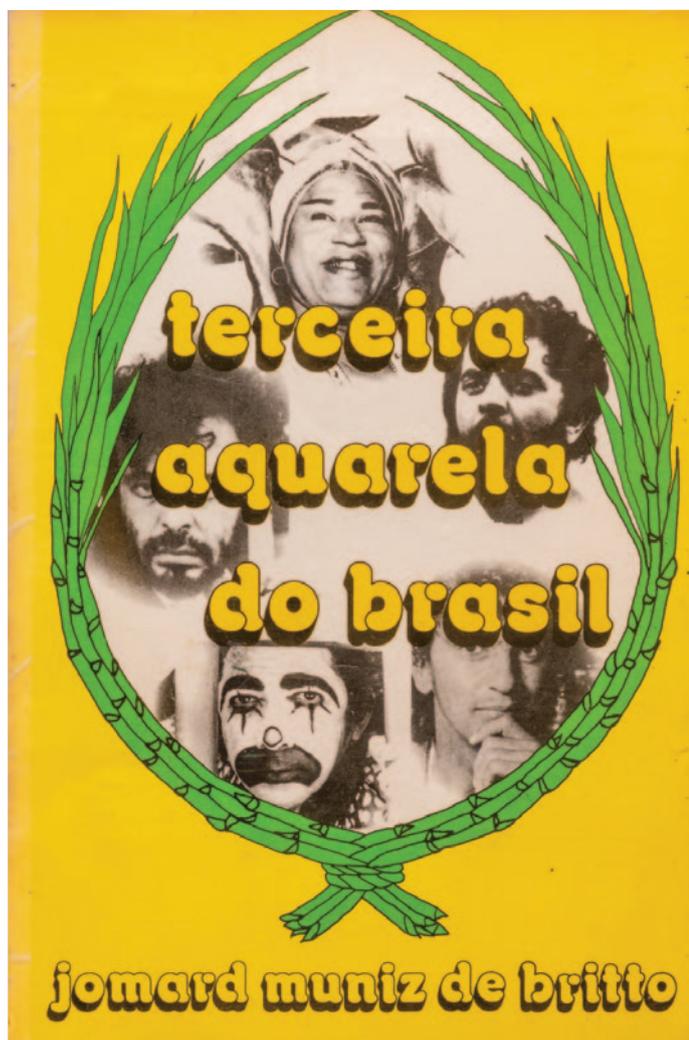
Classificação indicativa: livre

Informações: (21) 3808-2020 / ccbbrio@bb.com.br
bb.com.br/cultura



Daniel Santiago, *O Brasil é meu abismo*, 1932

Foto: MAR



Jomard Muniz de Britto - *A terceira aquarela do Brasil*
Foto: Diego Bresani